

O PRAZER
DA ÚLTIMA
ANGÚSTIA

José Ramirez Marin

O PRAZER
DA ÚLTIMA
ANGÚSTIA

Miró
EDITORIAL

São Paulo

2015

Copyright © 2015, 1ª edição brasileira
José Ramirez Marin

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa,
em vigor desde janeiro de 2009.

Produção Editorial **Miró Editorial**
Diretora Editorial **Márcia Lígia Guidin**
Ilustração da Capa **Elisa Monteiro**
Revisões **Cecília Madarás**
Eugênia Pessotti
Projeto Gráfico **WK Editorial**
Impressão e Acabamento **Bartira Editora Gráfica**

Para adquirir esta obra, entre em contato com:
editorial@miroeditorial.com.br
www.miroeditorial.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

M289o Marin, José Ramirez
1.ed. O prazer da última angústia / José Ramirez Marin.
1.ed. – São Paulo: Miró, 2015.
160 p.; il.;
ISBN: 978-85-62381-41-6
1. Literatura brasileira. 2. Romance. 3. Ficção.
I. Título.

CDD 863

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance: ficção 863

ISBN: 978-85-62381-41-6

Todos os direitos reservados
Miró Editorial Ltda.

Miró
EDITORIAL

Rua Augusta, 2676, cj. 143.
CEP 01413-100 – São Paulo – SP
Tels. (55) (11) 3063-3390 / (55) (11) 3532-3342
Visite nosso site: www.miroeditorial.com.br

Para Maria, minha companheira de sempre.
Para Mariana e João, meus grandes incentivos.

O tempo existe de fato ou é apenas um substantivo para designar algo que dê sentido ao movimento de tudo o que existe? A física e a astronomia explicam que o tempo não existia antes do Big Bang, a grande explosão que deu início ao universo. Toda a matéria encontrava-se espremida num ponto infinitamente pequeno denominado singularidade, que começou a se expandir.

E foi nos confins da Via Láctea, há milhões de anos, que um pequeno planeta sem nome, medindo um quarto do tamanho daquele que um dia seria a Terra, orbitava uma estrela anã vermelha. Sua superfície rochosa era fria e escura. Ele transitava calmo e silencioso descrevendo uma órbita elíptica, aproximando-se e distanciando-se de seu sol moribundo, numa dança monótona. Entretanto, o universo, em sua expansão frenética, preparava-se para realizar um caprichoso jogo de bilhar em sua gigantesca mesa de veludo escuro.

Outro enorme objeto rochoso e disforme, talvez resto de uma grande hecatombe estelar, vagava sem rumo, passando incólume por toda espécie de obstáculo, mas subitamente, como se um exímio jogador executasse uma tacada de mestre, acertou de raspão o pequeno planeta e, num lance de efeito calculado, deslocou-o de sua órbita, lançando-o numa viagem vertiginosa pelo cosmos. Tão grandioso acontecimento não foi presenciado por nenhum observador – não por falta de interesse, mas pelo simples fato de que as criaturas que provavelmente teriam curiosidade por tal fenômeno ainda não existissem.

Apesar de estarem separados pelo tempo e pelo espaço, esse formidável evento cósmico terá uma importância crucial para aquelas criaturas. Seguindo a natureza aleatória da existência, o gigantesco fenômeno astronômico terá como consequência algo que ocorrerá no futuro, a milhões de anos-luz de distância.

Em outro tempo e lugar, como se fosse possível atravessar uma dobra do espaço, vislumbra-se, em um canto extremo de uma galáxia, um planeta com características muito especiais que favoreceram o desenvolvimento de vida inteligente. Criaturas que atingiram importante estágio evolutivo.

Juan é uma dessas criaturas. Não possui nenhum dom especial que o destaque dos demais habitantes de seu mundo, é apenas mais um entre bilhões. Desde a infância, foi fascinado pelo cosmos, interesse que o acompanhou pelo resto da vida. Sua curiosidade pela ciência começou com Darwin e, em algum momento de sua adolescência, por sugestão de alguém, leu *O Anticristo*, de Nietzsche.

Tal iniciação literária levou-o a consolidar a convicção de que aquilo que parte da humanidade chama de fé nada mais é do que o medo inconsciente da morte. Também nesse período descobriu que sofria de um distúrbio afetivo que acompanha os seres humanos ao longo de seu percurso multimilenar: a depressão.

Neto de imigrantes espanhóis, Juan gostava de ouvir as histórias que seu avô anarquista contava, velho sonhador dos tempos em que se acreditava na utopia de um mundo justo e igualitário. O velho militante morreu esperando que um dia ocorresse a sonhada revolução que levaria o trabalhador ao poder e culminaria com o fim das desigualdades. Ouvia entusiasmado os feitos dos heróis da guerra civil espanhola, contados com voz emocionada pelo saudoso avô, seu grande ídolo.

Filho único, Juan viveu com sua mãe viúva até esta casar-se novamente e ir para a Europa. A partida da mãe foi providencial, pois lhe deixou o apartamento em que vive hoje. Sempre fora mal explicado do que vive seu padrasto, mas o

fato é que todo mês sua mãe deposita uma razoável mesada em sua conta, suficiente para satisfazer seus vícios e dispor do mínimo para manter uma vida incerta e sem sentido.

Indecisão e insegurança caracterizaram sua trajetória acadêmica. Pretendia formar-se em jornalismo, porém logo mudou de ideia e começou um curso de administração de empresas, que também não concluiu. Teve vários empregos, mas mudava constantemente, por não suportar a rotina e por discordar constantemente das chefias. A última empresa em que trabalhou foi onde ficou mais tempo, mas, durante uma reestruturação, houve corte de funcionários e Juan foi um dos demitidos. Não se abalou em deixar a empresa, já que recebeu uma substancial indenização e já havia algum tempo que pensava em pedir demissão.

Influenciado pelo avô, não se conforma com a perversa distribuição da riqueza em todo o planeta, angustia-se com o drama das populações que padecem resignadas na África, na Índia e no Oriente Médio, e com a tragédia do povo palestino, vítima dos que antes sofreram com o Holocausto e que, agora praticam, como bons alunos, as lições aprendidas com os nazistas. Apesar de considerar-se politizado, nunca se envolveu com partidos políticos ou movimentos que pleiteassem algum tipo de mudança.

Seu *hobby* é registrar aquilo que pensa em seu computador; não é um diário, coisa que considera uma idiotice, mas apenas um exercício para manter sua mente ocupada e treinar o idioma. Agora que está desempregado, volta a pensar no que sempre considerou uma pretensão descabida: escrever um livro.

A população que habita a região onde mora enquadra-se economicamente no que se denomina “classe A” e compõe-se de profissionais liberais, artistas e estrangeiros que ali fixaram residência, atraídos pelo conforto e pelas facilidades que o bairro oferece, assim como pelo seu lado boêmio, com seus bares,

restaurantes e intensa vida noturna. Mas Juan se mantém deliberadamente afastado de tudo isso, nunca se sentiu atraído pela vida mundana e sente-se mal em seu meio.

O apartamento que herdou e onde mora em São Paulo, antigo e grande demais para apenas uma pessoa, é seu refúgio, onde passa a maior parte do tempo e encontra tranquilidade para lançar suas ideias ao seu notebook. Às vezes, durante a noite, abre uma garrafa de vinho e, sorvendo-o em pequenos goles, fica absorto diante da grande janela da sala, observando as luzes da cidade e dos veículos que trafegam nas ruas lá embaixo, que dão a impressão de um fluxo sanguíneo circulando por enormes artérias. Tal visão exerce um agradável efeito terapêutico sobre ele; nessas ocasiões não pensa em mais nada, permanecendo numa espécie de estado hipnótico. A janela da sala é seu local preferido. É onde pratica o que chama de “a sutileza de enxergar o que não se vê”, por exemplo: as novas construções do *boom* imobiliário que ocorre na cidade, e parecem árvores crescendo num ritmo vertiginoso; o casal de gaviões que copulam no alto da caixa d’água do prédio logo à sua direita; a jovem que no verão desfila nua pelo apartamento, num prédio do lado oposto da rua, ignorando propositalmente a janela aberta; o planeta Vênus, primeiro astro a surgir no firmamento, quando ainda não está totalmente escuro; o Sol, que vai mudando sua trajetória, desaparecendo mais à direita no inverno e mais à esquerda no verão, e o vento que carrega as nuvens, trazendo e levando as tempestades. Enquanto as novas construções permitem, ainda é possível ver de sua janela a torre da igreja do bairro, de onde ouve o padre, por um sistema de alto-falantes, rezar a missa e dirigir preces a Deus. Às vezes, Juan pega seu velho binóculo, assume o papel do personagem de Hitchcock em sua “janela indiscreta” e passa o tempo bisbilhotando a vizinhança, num inocente voyeurismo.

Bem distante da humanidade ruidosa e apressada que habita este planeta, o pequeno astro solitário continua sua

interminável viagem pelo espaço. Um hipotético viajante estelar, que porventura o estivesse acompanhando, olharia para o infinito e se angustiaria pela total ausência de qualquer referência que pudesse determinar a ideia de tempo e distância. Silencioso, segue valentemente enfrentando, por vezes, outros corpos celestes que, perdidos como ele, passam ao largo ou chocam-se com sua superfície, deixando marcas como cicatrizes de feridas causadas por batalhas.

Já há algum tempo que Juan vem tentando desenvolver em sua cabeça o embrião de uma história para seu pretenso livro. Ainda é algo confuso e meio surreal, mas acredita que poderá tomar forma e considera seriamente a proposta feita a si mesmo de escrevê-lo. Acredita que é um momento propício, pois, apesar de seus 42 anos, está cada vez mais só, desocupado e distante de amigos ou companheira fixa. A rigor, Juan nunca teve um relacionamento duradouro, não consegue imaginar-se preso a sentimentos de dependência e perdas, resquícios talvez de suas angústias de infância, quando não conseguia entender por que as pessoas que amava teriam que morrer um dia.

Constantemente é tomado por um grande mal-estar, causado pelo medo de um futuro indefinido que só aumenta sua depressão, impedindo-o de qualquer iniciativa. O constante transtorno de humor transforma seus dias em uma montanha russa onde os altos e baixos alternam-se entre tristeza, pesar, raiva e frustração, interferindo diariamente, por longos períodos.

Num dia atípico de sua monótona rotina, segue caminhando pela rua em direção à estação do metrô, após uma entrevista para um novo emprego. Vai remoendo sua irritação, que surge e desaparece como uma assombração, num instante em que tudo ao redor o incomoda, pontas de cigarro atiradas ao meio-fio, pessoas que caminham em sua direção com celulares junto ao ouvido e parecem não enxergá-lo, pichações nas lixeiras das ruas, adesivos com telefones de garotas de programa colados nos telefones públicos, barracas de camelôs

estreitando seu caminho, indigentes catadores de papel que, na maior parte do tempo, vivem deitados nas calçadas, consumindo cachaça barata em pequenas garrafas de plástico, lunáticos que passam discutindo com desafetos imaginários. Quando tudo isso acontece, a inspiração para escrever cai numa espécie de limbo e só lhe acorrem ideias que considera mediócras e vulgares.

Para agravar seu mau humor é o momento de pico no metrô, período em que o movimento de passageiros é intenso, com pessoas andando em ritmo apressado, subindo e descendo as escadas como se estivessem participando de uma competição, entrando e saindo dos vagões aos empurrões e disputando assentos ou algum espaço. Inutilmente tenta encontrar um canto onde possa proteger-se das mochilas, bolsas e demais acessórios carregados pelos passageiros que parecem dragões furiosos a ameaçá-lo. Ao ouvir o aviso informando sua estação de destino, sente um alívio como se lhe retirassem um peso das costas: finalmente poderá se livrar daquele breve momento claustrofóbico.

Nas profundezas do cosmos, o persistente bólide espacial não se abate com as vicissitudes que possam ameaçar sua viagem. Há espaço suficiente para seguir adiante, sem pausa para descanso. As ameaças surgem a todo momento, porém, como avaliar sua intermitência se para ele não existe o que denominamos “tempo”? Ora um cometa que parece vir em sua direção, ora um buraco negro que de longe devora toda a matéria ao seu redor, nada abala sua determinação de seguir em frente como se estivesse caindo num abismo sem fim.

Inicia-se um novo dia e, ao contrário do que ocorre quando anoitece, Juan sente-se revigorado, como se a manhã ensolarada penetrasse sua pele e passasse a fluir em suas veias. Bem-humorado, caminha pela calçada onde pessoas apressadas seguem para o trabalho e pequenos grupos aguardam nos

pontos de ônibus, às vezes mastigando um lanche comprado de algum vendedor ambulante que bem cedo instalou ali sua pequena banca com bolos, salgados e garrafas térmicas de café. Dirige-se sem muita pressa para sua padaria favorita, que fica a poucas quadras de seu edifício e é frequentada por um público diferente daqueles que seguem apressados pela rua.

Um grupo heterogêneo, composto por velhos casais, antigos moradores do bairro que não têm pressa para nada, profissionais liberais que se preparam para mais um dia de trabalho, pessoas que batem papo sem aparentemente ter compromissos urgentes, dois discretos homossexuais que conversam sobre cinema, uma senhora solitária que calmamente saboreia um pão de queijo e toma um chocolate quente, duas jovens que acabaram de se encontrar e falam animadamente, além de um senhor bem vestido que aparenta ser velho conhecido da garçonete, que veio lhe servir uma dose de uísque – fato que não chamou atenção de nenhum dos frequentadores do local, mas fez que Juan sentisse certa repulsa ao se imaginar bebendo uísque àquela hora da manhã. Ficou fantasiando que talvez alguém entre aquelas pessoas pudesse ser um escritor famoso e, nesse caso, qual seria seu método ou rotina de criação. Onde encontraria inspiração para suas histórias, seu relato se basearia em sua própria vida, em uma espécie de autobiografia, ou predominaria a ficção pura? Já teria desenvolvido um estilo próprio ou ainda imitaria seus autores preferidos? Concluiu que projetava para um ser imaginário suas próprias dúvidas e dilemas.

Após tomar seu café com leite e dar cabo de um pãozinho com manteiga na chapa, como faz habitualmente, Juan apanha a comanda que a garçonete havia deixado na mesa e, após um rápido olhar ao redor, dirige-se ao caixa para pagar a despesa. Na pequena fila que se formara à sua frente, dois jovens estudantes comentam sobre uma manifestação de protesto contra o aumento das passagens de ônibus, enquanto um

senhor de idade, mas com boa condição física, reclama das manifestações cada vez mais frequentes e exalta-se criticando os excessos que, em sua opinião, não passam de vandalismo, repetindo, na verdade, opiniões da mídia. Diante do caixa, uma senhora que, em uma das mãos, segura um celular e, na outra, o cartão de crédito, entra na conversa e faz comentários indignados sobre um crime passional ocorrido durante a semana, que um noticiário sensacionalista da tevê explora ao extremo, repetindo imagens do local do crime e do criminoso, alimentando a catarse mesclada de indignação e curiosidade mórbida. Visivelmente aborrecido com o nível da conversa, Juan paga sua conta e deixa rapidamente o local, admitindo a si mesmo que com toda certeza aquele não era o público com quem estava acostumado a conviver ali. Adeus, bom humor; olá, depressão.

Ao caminhar novamente pela rua, observa uma mulher que aparenta uns 30 e poucos anos e, a julgar pela aparência e modo de vestir, seria talvez uma secretária ou uma executiva. Chama a sua atenção o comportamento sério e discreto da mulher, que, em sua opinião, a torna ainda mais atraente. Alheia a qualquer provável observador, assim que atravessa a rua ela acena para um táxi que passa, informa ao motorista seu destino e desaparece em meio ao trânsito. Juan pensa então em seus amores e desamores, e as lembranças só fazem aumentar sua depressão. Luta contra esses pensamentos, tentando enganar a si mesmo, e foca seu olhar nas vitrines das lojas que começam a abrir as portas. Espanta os maus pensamentos que o incomodam, não quer pensar nisso agora, o dia está ótimo para uma caminhada e é caminhando que as ideias surgem espontaneamente.

Agora o pequeno astro atravessa uma região de um vazio quase total. O único ponto que poderia servir de referência é algo como uma névoa bem distante, talvez o último

vestígio de uma estrela que se extinguiu. Se lá estivesse nosso hipotético observador, teria a impressão de que o astro se encontra parado, fluuando silenciosamente no vácuo, como se estivesse em uma encruzilhada sem saber qual caminho seguir. Mas, na realidade, como se houvesse o que chamam de destino ou se existisse um projeto complexo, elaborado para o pequeno planeta, este continua e se mover velozmente em direção ao seu imaginário objetivo.

Mais uma noite em que se revira na cama sem conseguir dormir, impulsionado por um redemoinho de pensamentos que vão desde a possibilidade de novo emprego até a angústia por não conseguir enxergar qualquer significado para sua vida. De repente, como se sofresse um solavanco na cama, começa a desenvolver um pensamento, algo como um delírio ou devaneio; ele acredita que amanhã não mais se lembrará, razão pela qual deve anotar isso logo. Levantando-se depressa, corre para a sala e liga seu notebook, digitando desesperadamente, como se tudo fosse desaparecer de sua mente a qualquer momento:

Pensamentos estranhos e bizarros me vêm ocorrendo ultimamente, fico em dúvida se são eles a verdadeira realidade, e tudo que existia antes era fantasia e ilusão, ou se, de repente, conforme tenta explicar a física quântica, partículas subatômicas de outro universo, tenham atravessado meu cérebro e por um fenômeno desconhecido, desobedecendo à lógica elementar ou talvez estabelecendo outros princípios na natureza, acionaram algum mecanismo, alterando meu sistema neurológico e permitindo o acesso a arquivos genéticos programados há milênios, que agora me permitem entender com clareza fatos e informações que a grande maioria das pessoas não consegue ver e compreender.

Esse fenômeno, se realmente aconteceu, deve também ter ocorrido e estar ocorrendo com outras pessoas, mas, tendo em vista suas consequências, não sei se pode ser considerado uma dádiva ou uma maldição, uma vez que nos faz diferentes dos demais e se tornarmos públicos nossos pensamentos,

seremos considerados loucos e discriminados. Talvez minha mente já estivesse predisposta a desencadear os pensamentos que agora surgem, mas por que agora? Na idade atual, o mais lógico seria começar o declínio intelectual, assim como esquecer, desaprender e outras características do envelhecimento. Serei tão velho assim? Ou será que o que está acontecendo já é um sintoma de tudo isso?

Ao salvar o texto recém-digitado, o relê umas duas ou três vezes e se pergunta: “Estranho, parece que sempre pensei dessa forma. Como devo interpretar isso? Como uma metáfora ou ao pé da letra, tal qual um fundamentalismo religioso?”. Sente-se confuso e, não obtendo resposta, decide deixar assim e pensa se não estará, afinal, no caminho certo: por que não adotar o critério de escrever o que lhe vem à mente e depois tentar achar uma relação? Ou seria melhor reconhecer que tudo que havia digitado não passaria de um amontoado de bobagens sem sentido, lembranças de algum pesadelo? Detesta pensar em coisas místicas ou sobrenaturais, preferindo seguir a premissa da complexidade do cérebro humano, um mistério que talvez nunca seja decifrado. O frio que sentia desde o momento em que se sentou para digitar acentuou-se, e tremores começaram a percorrer seu corpo, indicando que o melhor seria procurar refúgio no calor da cama. Desliga o computador, vai rapidamente ao banheiro e retorna ao quarto para literalmente mergulhar na cama em busca do calor que aplaque o frio que parece penetrar seus ossos como agulhas de algum instrumento de tortura. Agora aquecido, ainda alguns pensamentos teimam em perturbá-lo, como se fossem fantasmas relutantes em ir embora. Somente bem mais tarde consegue finalmente desligar-se de tudo e adormecer.

A estrela que era apenas um ponto de luz distante apresenta-se agora ao planetinha errante como um completo sistema solar, onde giram, em órbitas bem reduzidas, quatro planetas que observados a distância não parecem diferir entre si. Muito